Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
...gal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
...essões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
...angeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

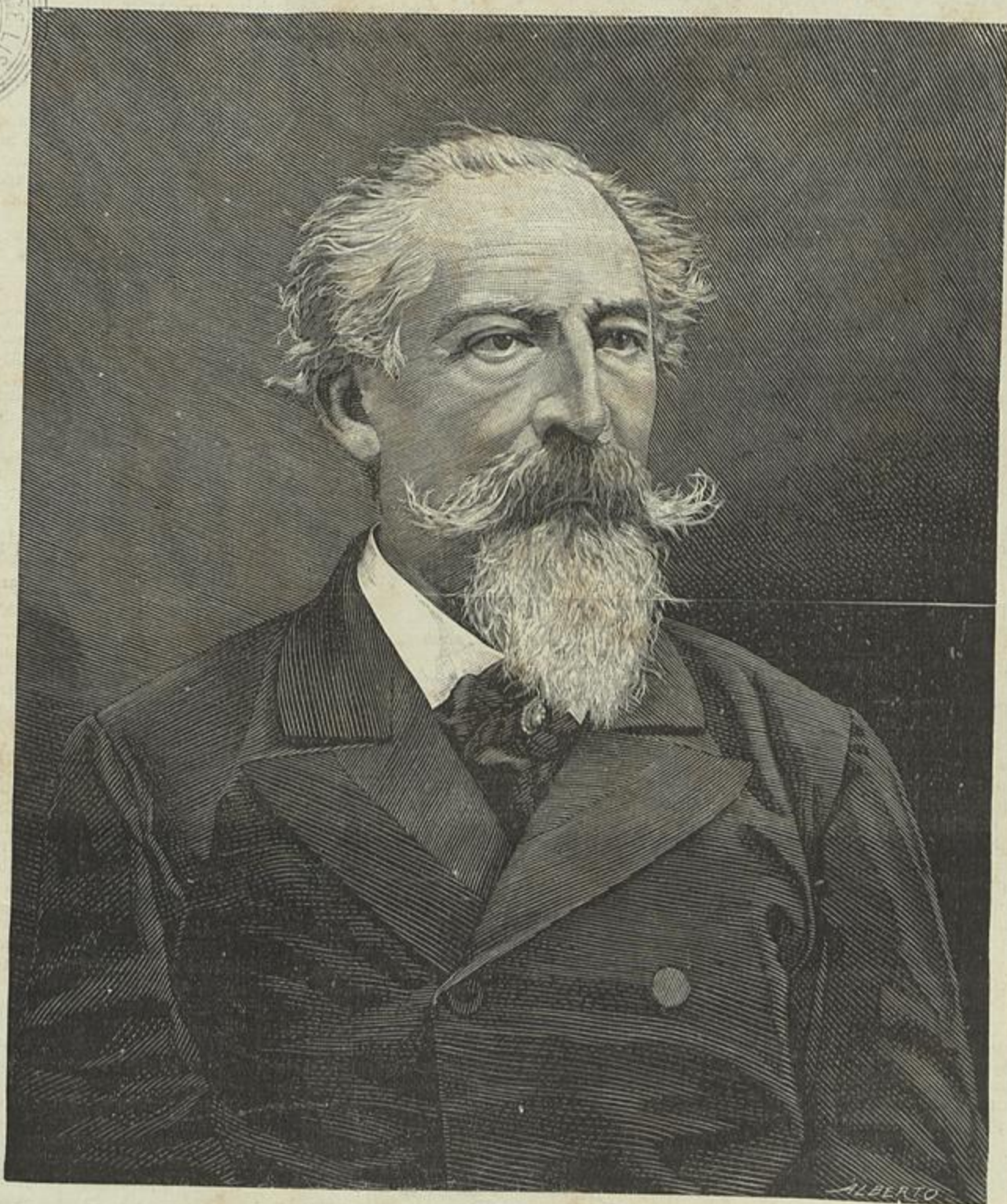
9.º ANNO — VOLUME IX — N.º 253

1 DE JANEIRO 1886

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

Lisboa. L. do Poço Novo, entrada pela travessa do convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

ALBERTO

EL-REI D. FERNANDO II

Fallecido em 15 de Dezembro de 1885 (Segundo uma photographia de Fillon)

CHRONICA OCCIDENTAL

Cá estamos outra vez no começo de um anno novo.

É a mesma tarefa sempre, o mesmo trabalho continuo: vamos enchendo horas para com ellas encher os dias, enchendo dias para com elles encher os mezes, enchendo mezes para com elles encher os annos, enchendo annos para com elles encher a vida, e vamos enchendo a vida até que a morte se lembre de nos mandar encher a cova.

Eu bem sei que este periodo era muito mais proprio para abrir um sermão de cinzas do que para abrir uma chronica de boas festas, para ser dito n'um pulpito do que escripto n'um jornal profano; sinto mesmo que a esse paragrapho falta uma coisa tão essencial como a canella ao arroz doce: uns polvilhos de latim espalhados por cima; mas que querem? Uma chonica de boas festas precisa, como tudo n'esta vida, de ter um principio, e não é tão facil como isso encontral-o, depois de ter encontrado vinte ou trinta principios para chronicas identicas.

Alem d'isso, o *memento homo* sinistro que espreita por detraz de cada phrase sorumbatica d'esse periodo carrancudo, não vem tão fóra de proposito para boas festas como á primeira vista era licito imaginar.

É bom que n'estes dias de festas a gente se lembre bem de que podia não assistir a ellas, para agradecer a Deus, ao Destino, ao Acaso, ao que quizerem os senhores theologos e os senhores philosophos o ainda cá estarmos n'este mundo mandando e recebendo bilhetes de visita; é bom que se lembre de quão fallivel é a vida, para lhe dar mais apreço; é bom que se compenetre bem do nada das coisas terrenas para liquidar todos os odios, todos os rancores, todas as pequenas zanguinhas que nos amargam tolamente as alegrias mais sinceras e mais santas, para pôr ponto em todas essas questões pequeninas, insignificantes, que veem a acabar debaixo de tres punhados de terra, e para n'uma conciliação doce, pacifica, saudavel, nos entregarmos então, sem reservas nem preoccupações, ás festas patriarchaes, ás boas festas, com que devemos saudar a entrada de um anno novo, com que nos devemos despedir do anno que se vae embora, que pode ter sido para alguem muito mau, mas que em summa não o foi tanto que não deixasse esses alguens fazerem-lhe o necrologio.

Portanto, meus caros leitores, não retiro o meu sermão; o que faço é reforçal-o com uma mão cheia de votos sinceros de festas felizes e de mil venturas de que seja portador o anno de 1886.

E cumprido assim o nosso grato dever de chronista, vamos cumprir um doloroso dever de amigo.

Na nossa ultima chronica, quasi ao acabal-a, fomos feridos cruamente por um enorme desgosto. Um medico que era para nós um amigo dedicadissimo, que era quasi que uma garantia da nossa saude, da saude e vida dos nossos filhos, desappareceu rapidamente, inesperadamente, nas sombras do tumulo.

O dr. Luiz Baldy, que tantas vezes enxotara a morte do leito dos seus doentes, onde ella já pairava sinistra, não teve forças para luctar em defeza propria, e deixou-se vencer.

Costuma dizer-se dos grandes homens que morrem que o seu desapparecimento é uma catastrophe para o paiz, uma desgraça nacional.

A morte do dr. Baldy não assumiu com certeza essas proporções gigantes de calamidade publica com que a rhetorica politica reveste o fallecimento de qualquer parlador desembaraçado das côrtes, mas foi com certeza, positivamente uma catastrophe irreparavel para os pobres e para os doentes.

Porque no fim de contas o dr. Baldy, a quem a justiça popular poz o cognome de *medico dos pobres*, não era só pela caridade que era grande, que era quasi unico: era-o tambem pela dedicação.

Muitas vezes a pessoa que escreve estas linhas viu o dr. Baldy chegar a casa preoccupadissimo, tristissimo por ter um doente em perigo, por se encontrar defronte de uma enfermidade qualquer implacavel.

A medicina para elle nunca foi um modo de ganhar a sua vida: foi sempre um modo de salvar a vida dos outros.

Quando era chamado para um doente, com o que se importava era com a doença; em honorarios não pensava. Fazia tres, quatro, cinco visitas por dia, se era necessario, e no fim nunca pedia o dinheiro d'essas visitas; dava-se por pago em ter salvo um doente, em ter restituido uma creatura á vida, em ter restituido a uma familia o seu chefe, a um pae a sua filha querida.

E não queria saber de mais nada que não fosse a medicina. Nunca o atacou o mal da politica, nunca ia a um theatro, a uma festa; desde as 7 horas da manhã até ás 10 da noite, todos os dias sem descanso, via doentes, fazia clinica: depois, ás 10 horas, jogava o seu voltarete, a sua unica distracção, e assim passava a vida.

No trem ás vezes, depois de ter lido as revistas scientificas, depois de se ter posto ao facto de todo o movimento moderno da medicina, o dr. Baldy, tirava então da sua carteira e do seu lapis e ia improvisando sonetos ou traduzindo versos latinos.

E assim positivamente, ao correr do lapis, o dr. Baldy fez um volume de sonetos, entre os quaes ha alguns que são verdadeiras obras primas; traduziu em excellentes versos todas as fabulas de Esopo; fez varios folhetos, sempre notaveis por uma grande clareza de expressão e um seguro criterio.

A maior parte d'esses sonetos do dr. Baldy é ainda desconhecida, e apenas tres ou quatro amigos mais intimos os leram, tendo a honra de entrar n'esse numero a pessoa que escreve estas linhas.

O dr. Baldy estava-os editando por sua conta, e tinha já adeantada a impressão d'elles, feita na typographia Universal.

Infelizmente não chegou a ver concluida a sua edição, nem poude acabar a revisão ultima da sua obra. Naturalmente os seus filhos, que tanto o estremeciam e que d'elle eram tão amados, farão concluir a impressão do livro e lançal-o-hão ao publico, e devem fazel-o como uma homenagem á memoria querida d'aquelle que será eternamente recordado com lagrimas.

N'esse volume de sonetos, se elle um dia vier a lume, como esperamos, encontrar-se-hão alguns de grande valia e que teem um sabor de boa graça portugueza, d'essa que rara apparece hoje no nosso mundo litterario.

O dr. Baldy tinha um prazer immenso em ler versos e em conversar ácerca de livros de poetas, de coisas litterarias. Era a sua unica folga da medicina, e então, n'esses raros momentos que os doentes lhe deixavam livres, fazia gosto ver o jubilo com que elle, sentando-se na sua cadeira, entrava n'esses cavacos, mais alegres, mais despreoccupados, o bom humor com que recitava versos seus e versos classicos celebres, a excellente veia comica com que criticava homens e coisas, sempre com um elevado criterio e sempre com uma santa bondade.

Ainda depois d'elle estar já muito doente, recolhido no seu quarto, prohibido de receber visitas, prohibição de que sempre fomos exceptuados, o dr. Baldy, com a voz muito tomada pela bronchite, custando-lhe muito a falar, nos esteve a falar em versos e a lamentar-se de não poder ler nem escrever, para ao menos passar mais depressa as longas horas aborrecidissimas da doença. E nós promettemos-lhe para quando elle melhorasse um livro novo de versos, umas novidades, que elle ficou esperando alvoroçado.

Desgraçadamente não podemos cumprir a promessa.

A doença tomou de repente um caminho sinistro, a suffocação veio, e o dr. Baldy morreu com perfeita consciencia de que ia morrer, pedindo elle proprio o remedio para essa suffocação que sentia aproximar-se terrivel e rapida, tão rapida que, quando o remedio chegou, já a morte tinha prostrado esse honrado homem e esse grande medico, que fôra um dos seus mais terriveis inimigos.

Que a sua alma descance em paz. A sua memoria será sempre abençoada e querida, a sua falta sentida e chorada por todos que o conheceram, que viveram com elle, que d'elle viveram.

Cumprida esta homenagem á memoria estremecida d'esse homem, a quem estremecemos em vida; lançado ao papel este desabafo da dor que nos compunge o coração, sem de fórma alguma tentarmos a formula banal do necrologio rhetorico: não queremos terminar esta chronica, a primeira do anno, sem uma nota alegre.

E felizmente temol-a, vibrante de enthusiasmo e d'esse sublime prazer que é o mais raro no mundo, o prazer quasi divino que inspira uma obra de arte primorosa.

Essa nota deliciosa é o *Barbeiro de Sevilha*.

E ao mesmo tempo que registamos um triumpho, temos que entoar uma *mea culpa*.

O *Barbeiro de Sevilha* era até agora uma das operas que menos sympathias nos inspirava. Ouviamos dizer maravilhas da opera de Rossini desde que nos entendiamos, mas nunca até hoje tinhamos comprehendido, e por isso não podiamos admirar, as grandes bellezas rossinianas da partitura feita sobre a peça de Beaumarchais.

É que, sentimol-o agora, nunca tinhamos ouvido cantar o *Barbeiro de Sevilha* a valer.

Figaro cantado por Cotogni, Almaviva cantado por Masini, foi para nós uma verdadeira revelação.

Agora, sim! agora comprehendemos o que ha de bello, o que ha de deliciosamente delicado, de finamente artistico, no *spartito* de Rossini!

Se não o comprehendemos ha mais tempo é porque tambem os artistas que teem cantado a opera deante de nós o não tinham comprehendido.

O que nós sabemos é que não conhecemos prazer artistico igual ao de ouvir cantar assim o *Barbeiro de Sevilha*.

Até os recitativos, esses recitativos pautados de accordes de violoncello que para nós figuravam uma massada collossal, nos pareceram agora encantadores, se desvendaram aos nossos ouvidos maravilhados em todo o explendor da sua deslumbrante belleza.

E, faça-se inteira justiça, não foi só o Cotogni, o grande mestre, que disse explendidamente esses recitativos: foi tambem a sr.ª Trisolini, uma cantora que agradara pouco no *Rigoletto* e que agradou immenso no *Barbeiro*.

Cotogni é um artista *hors-ligne*, e ninguem levou ainda a um tal grau de perfeição a arte de dizer cantando ou de cantar dizendo um recitativo. O ouvido, por mais attento que esteja, não é capaz de marcar nos recitativos ditos por Cotogni o ponto exacto em que a phrase deixa de ser falada para começar a ser cantada.

E é exactamente isso o que e um recitativo: dizer e o cantar, a nota da declamação e a nota do canto casam-se de tal modo, que não se percebe onde uma principia e outra acaba.

De Masini só ha a dizer que é absoluta e completamente extraordinario em toda a opera, e, em summa, do *Barbeiro de Sevilha* só ha a dizer tambem que nunca se ouviu a opera de Rossini assim cantada e representada no theatro de S. Carlos, de nosso tempo pelo menos, e que quem quizer saber o que é uma grande alegria, um enorme goso artistico, vá ouvir cantar assim a famosa e velha opera rossiniana.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

EL-REI D. FERNANDO II

Por nos ter chegado muito tarde o artigo a respeito de el rei D. Fernando, que devia acompanhar o seu retrato, não o podemos publicar n'este numero: dal-o-hemos no numero seguinte.

O artigo é devido á penna illustre e festejada do eminente homem de lettras o sr. Ramalho Ortigão.

MORTE DE EL-REI D. FERNANDO

A camara ardente

O cadaver de el-rei D. Fernando depois de embalsamado pelo sr. Tedeschi na presença do sr. conselheiro Antonio Maria Barbosa, D. Antonio de Lencastre e outros medicos do Paço, foi vestido com o uniforme de marechal e mettido n'uma urna de madeira com tampa de vidro e conduzido para a camara ardente, com a devida solemnidade.

O prestito era composto pelos moços da porta, moços da sala, reposteiros, particulares, empregados secretaria particular do rei fallecido, officiaes móres e altos dignatarios, sacerdotes da casa real; seguia-se el-rei, a rainha, a sr. condessa d'Edla, damas de serviço e logo atraz a urna funeraria levada por 16 moços d'estribeira fechando o prestito, o sr. patriarcha, suas altezas o principe real e o sr. infante D. Affonso, os officiaes de serviço de suas altezas.

O prestito levou um quarto de hora a chegar do quarto onde el-rei falleceu á camara ardente, armada na sala do docel.

Para este effeito a sala do docel foi desguarnecida de toda a mobilia, conservando-se apenas as suas armações de damasco vermelho.

Sob o docel foi collocada uma eça em plano inclinado, de dois metros de comprimento e um de largura, sobre um estrado de tres degraus.

Do lado esquerdo da eça armou-se um altar com crucifixo e castiçaes de prata, destinado unicamente aos officios celebrados pelo patriarcha, nuncio e principes da egreja.

Do lado direito da eça levantou-se a credencia, sobre a qual foram collocados o capacete, a espada e o bastão de marechal do fallecido soberano.

Logo depois da urna funeraria ser collocada na eça, ficaram por espaço de uma hora velando junto d'ella, el-rei D. Luiz do lado direito e o principe real do lado esquerdo.

Durante todos os dias e noites que o cadaver esteve exposto na camara ardente desde o dia 1[illegible]

até ao dia 21, foi sempre velado por dois altos dignatarios que se rendiam de duas em duas horas.

No dia 18, 19 e 20, a camara esteve aberta ao publico e foi enorme a concorrencia de povo que pela ultima vez quiz ir ver o rei que tanto estimara em vida.

No domingo 20, vespera do funeral, realisou-se o ultimo cortejo ante o cadaver de el-rei D. Fernando.

O funeral

Na segunda feira 21 de dezembro ás 6 horas da manhã, a familia real assistiu a uma missa de corpo presente, resada na camara ardente por um dos capellães do paço, e ficou velando até ás horas da trasladação para S. Vicente.

Ás 10 horas, a hora official para a sahida do prestito, foi levantada da eça a urna funeraria, estando presentes a familia real, o corpo diplomatico, o ministerio, os conselheiros de estado, a côrte, e varias deputações que tinham ido alli para se encorporarem no prestito funebre.

Os ministros estrangeiros residentes em Lisboa, pegaram nas borlas da urna funeraria, que foi conduzida até ao pateo acompanhando o feretro até ao ultimo degrau da escada principal, S. M. el-rei, a rainha, principe real, infante D. Augusto e D. Affonso.

Ahi houve a dilacerante scena de despedida; e a familia real chorando copiosas lagrimas, retirou-se a palacio e a urna foi collocada no coche armado em camara ardente, e coberta de corôas formosissimas e riquissimas, sendo uma das mais notaveis pela sua belleza a offerecida em nome da rainha Victoria.

O prestito pôz-se então a caminho. Era cerca de meio dia.

Á frente ia um esquadrão de lanceiros; seguiam-se duzentos trens com a camara municipal, corpos legislativos, altos dignatarios, jornalistas, ecclesiasticos militares, deputações, corpo diplomatico e ministerio, e depois quatro moços de estribeira e onze dos coches mais ricos da casa real, conduzindo os empregados superiores da casa real, camaristas e veadores de suas magestades e principes, os ministros de Inglaterra, Belgica, Russia, Hespanha, Italia e Brazil, que tinham representação especial dos seus soberanos no funeral, o capellão do fallecido rei, os seus ajudantes de ordens com as insignias militares de el-rei D. Fernando, e a corôa e sceptro reaes.

A estes coches seguia o de respeito, todo coberto de negro e finalmente o coche onde ia o corpo.

Ao lado do coche iam a cavallo os srs. duques de Loulé, de Palmella e coronel Vito Moreira, intendente das cavallariças reaes.

Seguia-se-lhes o estado maior da casa militar do rei.

Atraz do coche iam a pé deputações de artistas de todos os theatros de Lisboa, e a empreza e alguns artistas do theatro de S. Carlos, os bombeiros voluntarios da Ajuda, os carteiros, etc.

Por todas as ruas por onde passou o prestito, desde as Necessidades até S. Vicente, a concorrencia do povo era enorme, apezar do dia estar chuvoso e desabrido.

As exequias

A egreja de S. Vicente de Fora estava toda armada de negro, veludo e ouro. No corpo da egreja erguiam-se duas eças, sendo a primeira a chamada da Misericordia, onde descansa a urna funeraria que no adro da egreja, segundo usança secular, é recebida logo ao sair do coche pela confraria da Misericordia.

No altar-mór havia uma riquissima eça, toda forrada de veludo negro bordada a ouro, onde a urna funeraria repousou em quanto se celebrou a *missa de requiem* e o *libera-me*.

Ao lado esquerdo da eça estava o solio do patriarcha, ao lado direito, as cadeiras dos sacerdotes officiantes, e tomaram logar o ministerio e os ministros de estado honorario. O corpo diplomatico tinha uma grande tribuna armada no cruzeiro do lado esquerdo, e os corpos legislativos uma tribuna egual do lado direito.

No mesmo cruzeiro havia cadeiras para a côrte e logares reservados do lado direito, para a associação commercial e para a associação agricola do lado esquerdo, para a academia real das sciencias, sociedade de geographia e imprensa.

O Occidente fez-se representar no funeral e nos officios funebres, pelo sr. Gervasio Lobato.

A guarda de honra na capella-mór, era feita pelos archeiros, as funcções de mestre de cerimonias desempenhadas pelos srs. condes de Bertiandos e de S. Miguel.

Eram duas horas e tres quartos, quando a urna se collocou na eça principal; começou então a missa a grande instrumental, seguindo-se-lhe o *libera-me* de Jordani.

Findas as cerimonias religiosas, o féretro foi conduzido para o pantheon real, sendo ahi assignado o respectivo auto, na presença do sr. ministro do reino, e ás quatro horas e meia da tarde as forças da guarnição, dando as descargas do estylo seguidas logo das respectivas salvas, annunciaram á capital que o cadaver do rei D. Fernando fôra collocado no pantheon real, onde ficou dormindo o eterno somno ao lado do caixão que encerra os restos mortaes de sua esposa, a rainha D. Maria II.

O CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PUBLICA

(Concluido do n.º 252)

Conselheiro Antonio Maria de Amorim. — É o director geral da instrucção publica, e não sabemos o que será d'essa instrucção publica no dia em que o conselheiro Amorim resolva ir gosar da reforma a que os seus serviços lhe dão direito ha muito tempo.

O conselheiro Antonio Maria de Amorim é um original: ao passo que hoje todos dividem as suas aptidões por centenares de coisas diversas, sendo notoriamente o serviço publico aquella de que ninguem faz caso, o conselheiro Amorim não pensa senão n'uma coisa a que dedica toda a sua vida, toda a sua intelligencia, todas as suas altas aptidões — esse serviço publico por ahi tão geralmente despresado.

A instrucção publica é a sua preoccupação de todo o momento, e é verdadeiramente curioso ver o conselheiro Amorim no seu gabinete de director geral. Não se pode calcular, não se faz uma idéa do que aquelle homem sabe de leis, de decretos, de portarias, de officios de instrucção publica: é perfeitamente um assombro aquelle cerebro e aquella memoria.

O conselheiro Amorim é alem d'um funccionario publico excepcional de zelo e de sciencia dos negocios a seu cargo, um espirito esclarecido, uma intelligencia elevada, um caracter de uma hombridade e de uma rectidão que faz amigos dedicados e enthusiasticos todos os que com elle tratam.

Como já dissemos, o conselheiro Amorim teve um voto de louvor na sessão plenaria do conselho pela sua dedicação e zelo á causa da instrucção publica, e nunca houve voto de louvor mais bem merecido.

Bernardino Luiz Machado Guimarães. — É muito novo ainda, mas é tambem um dos devotados de corpo e alma á causa da instrucção. Deputado, a sua voz tem-se erguido sempre em favor d'essa santa causa, a que tem já prestado relevantissimos serviços com a sua boa vontade intelligente, com a sua actividade incansavel.

Bernardino Machado já lente da Universidade de Coimbra, é um talento de primeira ordem, um trabalhador persistente, e o paiz tem muito a esperar da sua alta intelligencia e do seu dedicado zelo.

Conselheiro Ignacio Francisco Silveira da Motta. — É secretario geral do Ministerio da Justiça, socio effectivo da Academia das Sciencias, homem de lettras, e deputado.

Uma vez, ha já tempos, referindo-nos na nossa chronica ao leilão da livraria de Camillo Castello Branco, transcrevemos a opinião do grande escriptor, ácerca de Silveira da Motta, notada a lapis no frontispicio de um dos seus livros de historia.

Camillo considera Silveira da Motta como um dos nossos mais notaveis historiadores, como um dos nossos mais illustres homens de lettras.

Depois d'esta opinião de Camillo, é perfeitamente inutil gastarmos nós tempo e tinta a fazer o elogio de Silveira da Motta, elogio feito pelos seus livros e feito pela penna severa e auctorisadissima do grande litterato de S. Miguel de Seide.

A admiração que temos pelo talento brilhante de Silveira da Motta sabe-o elle perfeitamente e eguala a estima que temos pelo seu bello caracter.

Henrique de Macedo Pereira Coutinho. — Par do Reino e lente da Escola Polytechnica. Uma auctoridade scientifica de primeira ordem, um orador elegante, correctissimo, mettido dentro de um perfeito *gentleman*. A alta competencia intellectual de Henrique de Macedo é reconhecida por todos, por amigos e adversarios politicos, que inimigos pessoaes não os conta o seu leal caracter.

Elevado pelas suas poderosas qualidades ás altas eminencias da politica, Henrique de Macedo conserva ahi a mesma simplicidade *d'allures*, a mesma affabilidade sympathica de trato que o tem feito adorado de todos os seus amigos, de todos os seus discipulos.

É um grande homem e um homem excellente, coisas que nem sempre caminham a par n'este valle de lagrimas.

Marianno Cyrilo de Carvalho. — Grande na politica, grande no parlamento, grande no magisterio, collossal no jornalismo. São rarissimas no nosso paiz, e no fim de contas em todas os paizes as personalidades da alta craveira intellectual de Marianno de Carvalho.

Pode dizer se sem a mais ligeira sombra de lisonja que Marianno de Carvalho é um dos primeiros homens de Portugal e uma das suas mais brilhantes glorias.

Wenceslau de Sousa Pereira Lima. — É lente da Academia Polytechnica do Porto, e actualmente governador civil de Villa Real. Tem talento ás mãos cheias, e é a esse talento que deve a posição notavel que occupa quasi ao sair apenas da juventude.

Tem talento, tem illustração, e estuda ainda com amor, com esse enthusiasmo ardente que faz os grandes homens.

Ha pouco tempo ainda o nome de Wenceslau de Lima era desconhecido de todos; hoje é conhecido por todos os homens de valor intellectual, respeitado, considerado, e as suas opiniões fazem já auctoridade.

Wenceslau de Lima é um homem illustre de hoje, será um homem celebre d'ámanhã.

Francisco Pereira Palha Faria de Lacerda. — Este nome assim comprido, pouca gente conhece fóra da burocracia. o nome litterario, Francisco Palha, toda a gente admira — é um dos mais gloriosos de Portugal. Effectivamente na nossa litteratura Francisco Palha occupa um logar proeminente e unico: o seu talento não tem mais rivaes.

A vernaculidade do seu estylo brilhante tem um sabor classico e ao mesmo tempo um espirito moderno que não é apaganio de mais nenhum escriptor contemporaneo. As poesias de Francisco Palha são obras primas extraordinarias, das poucas talvez que hão de passar á posteridade com o cunho d'um poderoso talento, e d'uma forte individualidade. O humorismo do eminente escriptor é tudo o que ha de mais original e de mais nacional na nossa terra.

Francisco Palha faz parte da secção permanente do conselho superior de instrucção publica como secretario, por ser chefe da 2.ª repartição de instrucção publica, repartição por onde correm os negocios do conselho.

É um dos maiores talentos da nossa litteratura, um dos mais sympathicos caracteres que conhecemos e que de ha muito estimamos com uma amisade profunda.

*
* *

Lamentamos que o espaço de que podemos dispor no nosso periodico seja tão limitado que apenas nos permitta estas rapidas apresentações dos homens illustres cujos retratos demos no Occidente de 1 de dezembro.

Lamentamos, não; no fim de contas tudo o que pudessemos dizer a respeito d'estas altas personalidades seria palido ao lado do immenso que ellas valem.

Gervasio Lobato.

OS MOTINS POPULARES DO PORTO

(23 de fevereiro de 1757)

(Continuado do n.º 251)

Dois factos, senão imprevistos, pelo menos isolados, vieram contrariar o empenho do omnipotente ministro em pôr termo rapido ao processo que mandára instaurar. Foi o primeiro dos casos o de uma mulher envolvida no motim ter ido procurar refugio na egreja do Anjo, confiando, segundo as idéas do tempo, e praticas reconhecidas, nas immunidades concedidas aos que se acolhiam á sombra dos recintos sagrados. Foi o segundo a delonga que houve, apesar de dispensadas as formalidades legaes, em progredir o processo, consoante a impaciencia do primeiro ministro d'el-rei D. José.

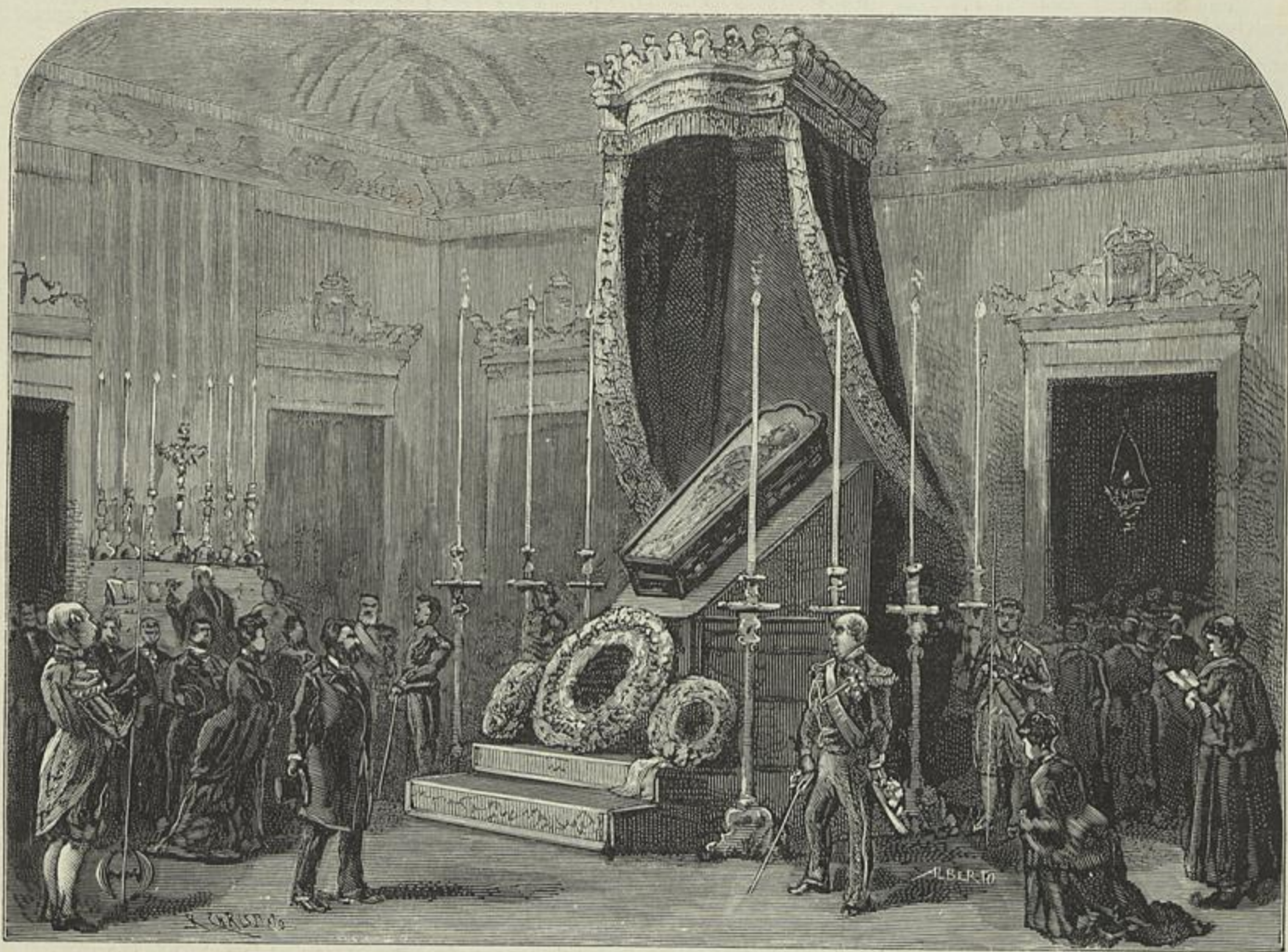
Pelo que respeita ao primeiro caso, é curioso lêr o officio de 10 de maio, em que se confunde acintosamente a doutrina estabelecida até então,

das immunidades reconhecidas aos que se acoitavam nos templos com as intenções suppostas dos individuos que por ellas pugnavam, em nome senão de um direito claro e positivo, pelo menos das praticas consuetudinarias d'estes reinos. Por ser demasiado longo não transcreveramos o periodo que se refere ao assumpto, que é um modelo da sobranceria com que o marquez de Pombal resolvia todos os negocios, antepondo o seu criterio pessoal aos mais bem fundados argumentos dos que requeriam justiça nos seus pleitos, ou pelo menos equidade na solução das suas pretensões.

Para se fortificar na opinião adversa as immunidades ecclesiasticas, recorre o marquez de Pombal á historia, citando factos passados no reinado d'el-rei D. Manuel, que resume d'esta simplicissima maneira: *Por cujos motivos* (!) *foram queimados em Lisboa os dois maus frades, que consitaram o motim do anno de 1506, achando-se o Senhor Rei D. Manuel no Alemtejo; foi o Bispo de Evora mettido na cisterna secca de Palmella, e foi o arcebispo de Braga recluso até á morte em uma das covas da torre de Belem; pois que de outra forma estariam os reinos sempre vacilantes, e durariam só emquanto os ecclesiasticos quizessem cohibir-se!*

Apesar de tão robusto convencimento contra as immunidades de que gosavam os reus que se acolhiam ás egrejas e mosteiros, o marquez de Pombal mandára consultar, na vespera de assim escrever, a Pedro Gonsalves Cordeiro Pereira, não sabemos em que qualidade, mas devemos suppôr que na de jurisconsulto, tão ouriçado de citações é o papel que o mesmo individuo assignou, e que conclue por aconselhar que só mais tarde se reconheça a immunidade da ré, que procurou guarida no recolhimento do Anjo.

Para chegar a esta conclusão, a polemica entre o jurisconsulto consultado, e o vigario geral da diocese do Porto, versa sobre a validade, ou não validade, de uma bulla do papa Gregorio XIV, que o vigario geral invoca como doutrina corrente, e a que o jurisconsulto consultado pelo marquez de Pombal, *nega que tivesse sido acceita nas Hespanhas, como doutamente demonstraram diversos auctores, embora posteriormente contrariados por alguns doutores do nosso reino, que posteriormente escreveram sobre o assumpto!*

FUNERAES DE EL-REI D. FERNANDO

CAMARA ARDENTE, NO PALACIO DAS NECESSIDADES (Desenho de J. Christino)

O que aqui vae, não vai na feira! Diversos doutores provrando doutamente a não acceitação da bulla de Gregorio XIV, contrariados posteriormente por outros doutores que escreveram sobre o assumpto, e tudo servindo para demonstrar, como o marquez de Pombal pretendia, que a mulher refugiada no recolhimento do Anjo estava legalmente entregue ás justiças seculares!

A carta do marquez de Pombal para o presidente da alçada, datada de 19 de junho, é um modelo de intolerancia religiosa, e refere-se á noticia que recebera da prisão de frade franciscano Pena Joya, e á aprehensão dos papeis que lhe pertenciam.

Começando por injuriar o frade, já entre ferros d'el-rei, como então se dizia, o marquez de Pombal accrescenta, *que n'elle a malicia e a ignorancia egualam o atrevimento*: e manda sarcasticamente: *que seja recolhido onde tenha tempo para estudar o que lhe falta para não inquietar a Igreja, e o Estado com as suas ousadas ignorancias...*

Confronte-se esta linguagem, que é a de um catholico myope e intolerante, com a longanimidade de espirito que os seus panegyristas lhe attribuem, e diga-se se já está feito o julgamento definitivo ácerca do homem que, ao mesmo passo que proseguia os jesuitas, deixava de si documentos, como o que vamos extractar, do seu afferro, sincero ou fingido, a outras maximas e principios não menos odiosos dos que por elle condemnados como adversos á moral, é subversivos da ordem social.

Ouçamos o estadista bifronte: *Porque* (vai demonstrar a ignorancia do Padre Mestre Pena Joya) *sendo certa em direito a conclusão de que todos os Protestantes sam filhos rebeldes da Igreja Catholica, e a ella sugeitos, como qualquer de nós, não é esta a questão de direito que serve para o ponto, mas sim a outra questão de facto, que consiste no defeito do poder que temos para constrangir os taes rebeldes;* (que defeito de poder será este?) *defeito que os faz tolerar pela Igreja, e por todos que temos a felicidade de seguil-a; principalmente depois do congresso de Munster, e Osnabrouk, em que se acabou uma sanguinolenta guerra de trinta annos, que devorou toda a Allemanha, e com ella inumeraveis Igrejas, Cathedraes, parochiaes e religiosas; restituindo-se a tão custoso preço a paz á Igreja Catholica, porque os principes que a sustentaram, não tiveram forças para resistir aos protestantes, que é o que não sabia o padre Mestre Pena Joya: devendo pelo menos reflectir em que se pudesse fazer valer aquelle bom e innegavel direito, todos quantos Inglezes vem a Portugal e a outros reinos catholicos da Europa, deviam ser presos a justissimo e innegavel titulo pelos tribunaes ecclesiasticos.*

Se o franciscano Pena Joya *nada sabia* quando se metteu a advogado e propagandista da intolerancia, menos ficou sabendo ainda, devemos con-

FUNERAES DE EL-REI D. FERNANDO — Sahida do enterro, do palacio das Necessidades (Desenho feito na occasião por J. Christino

fessal-o, depois da prelecção historica do marquez de Pombal, e da exposição das theorias que não se atreveu a realisar porque a isso obstavam, *tratados formalissimos que nem o mesmo Papa achava a proposito romper*.

(Continúa) *L. A. Palmeirim.*

TRES DIAS EM THOMAR

(Concluido do n.º 249)

IV

Este artigo devia já ter sido publicado ha dois numeros, acompanhando a vista de Thomar que o Occidente dava, fechando a serie de paizagens thomarenses gravadas *d'après* photographias feitas pelo sr. Magalhães, a quem aqui nos referimos de passagem, e que tem ao pé da *Varzea pequena* uma bonita casa que é ao mesmo tempo *atelier* de photographia, redacção e typographia do jornal *A Verdade* e museu de historia natural, archeologia, mineralogia, etc.

Devia ter sido publicado ha já dois numeros este artigo, é verdade, mas como ainda se não descobriu a maneira de se publicar um artigo sem estar escripto... por isso não se publicou.

E não foi só o tempo que nos faltou para o escrevermos: foi o tempo e a memoria.

Fiámo-nos demasiadamente n'essa rebelde quando estivemos em Thomar; não andámos de carteira na mão a tomar apontamentos, como um *reporter* em dia de festa; e «— chegamos a Lisboa e então passaremos tudo ao papel, e definitivamente, a valer» — dissemos nós com os nossos botões. E no fim de tudo chegámos a Lisboa, e, antes de passarmos ao papel as nossas impressões de viagem, passou o tempo, e agora, que nos achamos sem tempo, achamo-nos sem impressões.

Os tres dias que passámos em Thomar foram tão bem aproveitados, desfiámos tão bem todos os minutos que estivemos na bella cidade do Nabão, fizemos tanta coisa, tanta coisa, que hoje, cá de longe, consultando a reminiscencia, encontramos uma immensidade de coisas, é verdade, mas tudo a *trouxe-mouxe*, como n'uma gaveta desarrumada.

Se queremos continuar esta singella chronica de viagem, temos de seguir o systema dos jantares *au hasard de la fourchette:* metter o garfo ao acaso do que sae.

Encontramos logo ao de cima das nossas melhores recordações o sr. Magalhães, um bello typo sympathico de homem activo, trabalhador, emprehendedor, com as suas barbas negras todas crescidas á antiga porta-machado, com a sua amabilidade bizarra e hospitaleira, que encanta logo *au premier abord*.

O jornal *A Verdade*, de que o sr. Magalhães é proprietario, redactor e compositor, é um jornal bem escripto, vermelho como sangue de boi, e advogando corajosamente, sinceramente e dignamente a causa que julga verdadeira.

Na occasião em que estivemos em Thomar fazia a *Verdade* muita bulha na terra com um folhetim muito engraçado devido á penna do sr. Ernesto Loureiro, e que fizera grande escandalo na localidade. Esse folhetim tratava da mumia de um cavalheiro qualquer que existe n'um dos tumulos do claustro do convento de Christo, muito bem conservado, com a cor amarellada de bacalhau frescal.

O folhetinista brincava com a mumia n'esse tom moderno de humorismo que faz ainda encolerisar por ahi muitos sujeitos prudhommescamente graves, e em Thomar fez zangar bastantes pessoas, sobre tudo os *cicerones* do convento de Christo, os *cornacs* da famosa mumia.

A photographia do sr. Magalhães é a unica de Thomar, cremos, está bem sortida de machinas modernas, instantaneas, e as paredes do *atelier* estão cobertas de bellos especimens photographicos, tanto de panoramas como de retratos. Tirámos n'essa photographia um grupo de dez pessoas, *dont* quatro creanças, e a photographia reproduziu esse grupo não com a felicidade de uma obra prima, mas muito rasoavelmente e com uma grande rapidez.

O museu do sr. Magalhães é um ninho de formosas curiosidades. Para o descrevermos é que a memoria nos falta absolutamente: só nos lembramos de que vimos lá coisas magnificas, verdadeiras preciosidades, sobre tudo umas conchas e uns objectos de industria oriental.

E continuando sempre *au hasard de la fourchette*, encontramos o convento de Christo, um bello monumento em ruina, cheio de curiosidades archeologicas de primeira ordem — um convento que só por si daria um excellente e interessante volume a quem soubesse escrevel-o, e não a nós, que somos completamente leigos no assumpto; o açude do Nabão, uma queda de agua que deve ser magnifica quando cahir agua, mas que nos deu uma enorme estafa em jejum, por um sol ardentissimo e por um caminho de cabras, para no fim de contas vermos uma coisa que se parecia muito com uma escadaria de pedra no alto da qual se tivesse despejado um barril de aguadeiro; o theatro de Thomar, um theatrinho bonito, pequeno, que tem pouca serventia, porque em geral o thomarense é pouco dado á arte dramatica; Santa Cita, uma povoação quasi primitiva a tres leguas de Thomar, escondida por detraz de um pinheiral formosissimo; o club de Thomar, com a sua grande sala de baile e os seus bilhares, onde levámos hora e meia para fazermos quinze carambolas — mas digamos, em abono da verdade, que em todos os bilhares nos succede a mesma coisa —; o mercado da cidade, que é muito limpo, muito arejado, já feito á moderna...

Já vêem que com esta embrulhada de recordações é inteiramente impossivel continuar as impressões da viagem a Thomar; por isso pomos ponto aqui, deixando a continuação d'estes artigos para quando, voltando de novo ás margens do Nabão, tirarmos apontamentos mais regulares, e limitando-nos a explicar que a ultima gravura de Thomar que o Occidente publicou apresenta a *Varzea pequena* e a montanha da Senhora da Piedade, uma miniatura do Bom Jesus de Braga, que lhe delimita o horisonte.

Gervasio Lobato.

RESENHA NOTICIOSA

Recita offerecida á Associação Typographica Lisbonense. Teve logar na noite de 26 do mez findo no theatro de D. Maria II, esta festa annual

O CRIME DO CORREGEDOR

(Continuado do n.º 251)

XIII

De como se fez homem de bem o Trovão

Ao voltar para junto dos seus companheiros, o *Frade*, de alvoroçado que estava pelo brilhante exito da sua empresa, não cuidou de outra coisa mais do que pôr-se a caminho para Lisboa.

Mas ao segundo dia de jornada, dos cinco companheiros que a haviam encetado, sem contar com Ondina, apenas se encontraram quatro.

O *Trovão* havia desapparecido!

Esperaram por elle toda essa noite e no dia seguinte, mas sem resultado algum.

Teria sido preso?

Haveriam dado cabo d'elle?

Ter-se-hia perdido, desviando-se do itinerario que seguiam?

Nada, o *Trovão* não era menino que se perdesse. O *Frade* tinha outras rasões que calava.

— Ora, que o leve o diabo; passa-se bem sem elle.

— Pois sim, passa-se, mas...

E o *Frade* deteve-se em calculada reserva, por não denunciar o seu segredo, mal acreditando ainda que o *Trovão* o houvesse logrado, fugindo com os papeis que lhe confiára e deixando-o portanto privado da posse d'elles e das vantagens que d'essa posse lhe deviam provir.

Um profundo desalento se apoderou d'elle, uma tristeza invencivel lhe envolveu a alma.

Todos os seus planos cahiam por terra, desfaziam-se como castellos de cartas a um simples sopro da fatalidade, que parecia não querer abandonal-o nunca; do maldito destino, que se comprazia em fazer d'elle o joguete dos seus caprichos inexoraveis, incomprehensiveis.

— Vamos, disse elle emfim, quando de todo lhe fugiu a ultima esperança de que o *Trovão* voltasse.

E todos se pozeram a caminho.

Era indispensavel que chegassem á capital antes que o *Trovão* se apresentasse em Madrid.

Não estava tudo ainda perdido.

Elle podia aproveitar-se até então das cartas de que ia munido e da influencia das pessoas a quem ellas eram dirigidas.

O *Frade* não era homem que se deixasse tomar de desanimo. Passado o primeiro effeito da surpreza bastava lhe um momento de reflexão para imprimir n'elle o impulso de uma grande actividade invencivel.

Foi o que succedeu.

Em poucos dias achou-se em Lisboa.

— Rapazes, cada um trata de si, disse elle ao instalar-se na capital, dirigindo-se aos seus tres companheiros, que o haviam seguido com a fidelidade de uns bons e intelligentes perdigueiros.

O que elle queria era desfazer-se da amavel companhia d'elles.

— Mas como se entende isso? perguntou-lhe o *Mata-Judeus*, que era o mais ruim de convencer.

Tartamudeou apenas.

Aquelle maldito *Trovão* havia-o deixado n'uma situação melindrosa.

— Vamos, explica-te, insistia o scelerado, mandas-nos procurar a nossa vida, assim como quem nos despede?! Quem cuidas tu que somos nós?

O *Mata-Judeus* explicava-se perfeitamente.

— Sim, aonde estão esses mundos e fundos que nos prometteste?

— Nada, deliberaram todos em pleno accordo, aqui ha grande traição.

E de si para si ficaram convencidos de que o *Frade*, de accordo com o *Trovão*, pretendia descartar-se d'elles, no intuito de os lograr.

Não havia tirar a melhor com taes adversarios.

Teve de confessar-lhes tudo.

De facto havia alli uma traição grande, mas o traidor não era elle e bem ao contrario se poderia considerar antes a principal das victimas.

— Muito bem, observou o *Mata-Judeus*, depois de o ouvir falar. Tens uma maneira de nos provar a tua boa fé. Distribue essas cartas por cada um de nós.

O alvitre foi acolhido com enthusiasmo.

Porém uma tal solução era para o *Frade* a annulação de todos os seus planos.

Aquelles malditos iam deitar tudo a perder.

Luctou ainda, procurando dissuadil-os, mas nada conseguiu e teve de ceder.

As cartas eram para Rodrigo Botelho, membro do conselho da fazenda; para o padre mestre da companhia de Jesus, frei José do Menino Deus; e para D. Antão Vaz de Mello, e ainda uma outra para um dos membros do senado da camara.

De um laconismo apropriado ao fim com que o *Frade* as fizera escrever ao capellão, eram apenas concebidas n'estes termos.

«O portador d'esta é possuidor do nosso segredo. A nossa vida e a nossa honra estão nas suas mãos. A todo o custo e a todo o preço proteja-o em tudo que lhe seja agradavel.»

D'este modo os tres ciganos consideraram-se possuidores de um precioso talisman.

O *Mata-Judeus* com os seus companheiros reuniram em conselho, e, em vista do procedimento do *Trovão* e do procedimento do *Frade*, que pretendia utilisar exclusivamente em proveito seu aquellas quatro preciosas missivas, deliberaram todos que em occasião opportuna se descartariam d'elle, applicando-lhe a pena estabelecida pelas suas leis aos traidores.

«Morra o *Frade*» foi o grito geral.

Mas esse grito levantado nas trevas, proferido em intimo conluio secreto, fôra ouvido por mais alguem, que não havia perdido uma unica das combinações dos scelerados.

Esse alguem era Ondina.

A cigana correu immediatamente a prevenir o *Frade*.

Alguma vez se havia de resgatar do mal que lhe fizera.

— Nada receies lhe disse elle.

E como a sua imaginação era fertil, ainda d'esta vez o favoreceu.

Poz-se immediatamente em campo.

Procurou as pessoas para quem trazia as cartas do capellão e referiu que havia sido roubado por uns malfeitores que o ataram na estrada, que sendo portador de papeis comprometedores para elles, era conveniente que estivessem precavidos por modo que não fosse surprehendel-os alguma desagradavel occorrencia.

Da natureza d'esses papeis e do seu valor, ninguem melhor do que elle podia pol-os ao corrente.

Tomaram-n'o pela melhor pessoa d'este mundo, um patriota exaltado, um novo adepto, um amigo que lhes era enviado pela Providencia.

Afiançou-lhes que havia um meio facil de prender os ladrões e mandal-os para a forca.

O mais difficil talvez, objectavam, era colhel-os, descobrir-lhes o rasto, seguir-lhes a pista.

em que se reune uma boa parte da classe typographica e que pena é não seja toda. O espectaculo composto do drama *Cora*, um dos melhores do reportorio, abriu pela marcha Guttemberg executada pela orchestra do theatro e pelas bandas regimentaes de infanteria 5 e caçadores 2, dirigida pelo maestro Freitas Gazul, auctor da marcha que é uma feliz inspiração musical. N'um dos intervallos foi distribuida uma primorosa poesia do sr. Affonso Vargas e não resistimos ao desejo de aqui a deixarmos archivada certos de que os nossos leitores estimarão a sua leitura.

DOIS MUNDOS

I

Na formidanda escuridão pungente
d'essa medonha noite de ignorancia,
e quando o homem, — Prometheu na infancia,
caminhava ao acaso, inconsciente,

quanta vez uma lagrima viria
sentida e quente, á flor do seu olhar,
toldal-o como vem o azul toldar
uma nuvem tristissima, sombria!

Olhando então o espaço immaculado,
o mar e o céo, as aves e as campinas,
vendo-se a si nas aguas crystallinas,
vendo o universo, emfim, — illimitado,

em cada ser talvez um inimigo,
em cada ruido d'arvore distante
o echo de uma voz terrificante,
e elle sósinho, inerme, e sem abrigo,

em vão imploraria á consciencia
que lhe abrandasse o horror d'essa procella,
em vão: — lá ia, abandonada véla,
sem norte pelo rio da existencia!

E naufrago perdido na voragem,
sempre á mercê dos ventos, das marés,
perguntando á sua sombra: — tu quem és?
e a si proprio, n'um choro de selvagem,

«Eu quem sou?» — Era a victima fatal
de um mundo povoado de chimeras,
cheio de abysmos, de illusões, de feras,
mundo sombrio, como um olhar do mal!

II

Mas um dia, n'um vôo deslumbrante,
inundada de sol e de frescura,
surgiu emfim, immaculada e pura,
como um alegre pavilhão ovante,

a aguia audaz do Pensamento: e então,
o homem, livre e solto, pôde olhar
e ver, ver bem o mundo, o céo, o mar...

Estava rota já a escuridão!

Eil-o portanto; olhae-o: — combatente
das idades longiquas da Historia,
eil-o firme nos pincaros da Gloria,
como um epico heroe omnipotente.

Tendo soffrido maguas infinitas,
supremas afflicções, horas atrozes,
todas essas recordações ferozes
transformou-as em perolas bemditas,

em Biblia de estrellas constellada,
que hoje marca esse lugubre caminho
onde elle foi deixando em cada espinho
pedaços da sua carne ensanguentada;

As suas illusões, os seus terrores,
a vasa emfim dos seus instinctos vis,
para fitar, em impetos viris,
do novo mundo os lucidos fulgores...

Pois bem! quem lh'inspirou esta façanha
quem este pobre escravo redimiu,
e o coração e o cerebro lhe abriu,
foi essa força, colossal, estranha,

a Imprensa, a Idéa olympica, gigante,
que se encarnou primeiro no alphabeto
e que depois, seguindo o seu trajecto,
linha de luz, estrada triumphante,

chegou emfim á cuspide sublime
da Justiça, do Bello e da Verdade,
dando azas de fogo á Liberdade
e a noite, a noite eterna ao mal e ao crime!

Vós, poetas, sagrai-a pois, no canto,
sagremol-a de benções nós, os crentes,
e escrevamos em lettras refulgentes
o seu nome divino e sacrosanto!

Affonso Vargas.

Exequias de D. Affonso XII na egreja dos Martyres. A legação hespanhola, em Lisboa, mandou celebrar, no dia 23 do mez findo, exequias solemnes, por alma de D. Affonso XII, na egreja dos Martyres. O templo foi ricamente armado e a meio d'elle levantou-se um magestoso catafalco cercado de grande numero de tocheiros, que illuminavam tristemente o recinto do templo, refletindo as suas luzes nas bordaduras e applicações douradas e prateadas que recamavam os veludos e brocados que revestiam o catafalco e o interior da egreja. A essa cerimonia concorreu todo o pessoal da legação e consulado hespanhol, suas altezas o principe D. Carlos e infante D. Affonso, corpo diplomatico, ministerio, altos funccionarios, varias corporações, uma grande parte da colonia hespanhola, representantes da imprensa, etc. Officiou o sr. nuncio apostolico, e os officios por musica executada pela orchestra de S. Carlos, cantores e coros do mesmo theatro, em que entravam o tenor Masini, Cotogni e Pinto. A musica da missa foi de Cherubini e o *libera me* de Freitas Gazul. Agradecemos o convite que nos foi enviado pela legação de Hespanha para assistir a esta solemnidade.

Conferencias na Sociedade de Geographia. Os srs. engenheiros Joaquim José Machado e dr. Meyrelles teem realisado importantes conferencias nas salas da Sociedade de Geographia de Lisboa. As conferencias do sr. Machado versaram sobre o districto de Lourenço Marques e republica do Transvaal, e as do sr. dr. Meyrelles sobre o reino de Dahomey e protectorado portuguez n'aquelle paiz. Ambas as conferencias foram valiosas e chamaram grande numero de ouvintes.

Meneiou a cabeça o velhaco e disse:

— Ia apostar que elles proprios se nos entregarão.

E explicou que era muito facil que elles quizessem tirar partido da situação em que os collocava a posse d'aquellas cartas e se apresentassem a estabelecer condições para a troca dos papeis de que o haviam despojado.

Mas se os homens de quem o *Frade* se queixava houvessem preferido ir mostrar aquelles papeis ao conselho da regencia em vez de se entenderem com as pessoas a quem elles interessavam e compromettiam discretamente? Então estava tudo perdido.

N'esta indecisão pouco tiveram de permanecer.

O primeiro que caiu no laço foi o *Mata-Judeus*.

A este coube ir procurar o padre mestre da companhia de Jesus, na sua casa da Cotovia.

Apresentou-se quasi insolente, todo ufano e senhor de si, e logo ao entrar para uma pequena sala de espera, a primeira coisa que fez foi deitar a mão a um par de castiçaes de prata que lhe despertaram a cobiça.

Taes eram as boas disposições em que elle estava.

O padre mestre, que já tinha prevenido tudo, não se fez esperar, e ao entrar na sala mandou-o assentar familiarmente, com umas maneiras muito rasoaveis.

O *Mata-Judeus* lisonjeou-se com estas deferencias de tratamento a que não estava habituado.

Mediu o padre n'um relancear d'olhos e achou-o franzino, abatido.

Aquillo nas suas mãos era uma alveloa.

Sorriu de satisfação e de ferocidade.

— O que me deseja, perguntou-lhe o padre mestre.

— Trago aqui uma cartinha para nos entendermos.

E do bolso da vestia tirou a carta que o *Frade* lhe havia dado e era para elle como que uma especie de visco para apanhar o passaro bisnau do padre mestre.

O padre mestre poz os seus oculos, e abriu a carta que o *Mata-Judeus* lhe apresentou.

Os termos em que estava concebida eram demasiadamente laconicos e pareciam envolver uma ameaça.

Verificou a lettra da singular carta, observou-a detidamente e achou que de facto era do capellão.

Mas não lhe apresentava um amigo, como suppunha em vista das declarações que o *Frade* lhe fôra fazer.

Decididamente o capellão fôra obrigado a escrevel-a por circumstancias superiores á sua vontade.

Portanto achou-se seriamente embaraçado.

O *Mata-Judeus*, porém, que estava impaciente, vendo que o padre mestre não entrava em assumpto, disse-lhe com certa arrogancia propria a intimidal-o:

— Veja se se despacha que eu tenho pressa. Quanto vale esse segredo?

O padre casualmente deu n'essa occasião pela falta dos castiçaes e respondeu-lhe fazendo-se muito vermelho:

— Espere que eu já lhe digo...

E como já estivesse prevenido para a recepção d'esta visita, fez signal a dois dos seus familiares que immediatamente appareceram.

— Levem esse homem ao corregedor.

O *Mata-Judeus* não esperava de certo ser tratado de similhante maneira.

De tal modo ficou atarantado que deixou cair os castiçaes, pretendendo ainda em ultimo recurso escapar-se.

Não o conseguiu, e achou-se em um momento agarrado por uns braços vigorosos que o arrastaram até á rua e d'ahi até ao corregedor.

Novas surprezas aguardavam o *Mata-Judeus*.

Apenas transpoz os humbraes do gabinete do magistrado de policia, achou-se logo na presença dos seus dois companheiros, que já lá estavam e haviam tido sorte igual á sua.

D'ahi, após um curto interrogatorio, foram todos mandados para a cadeia.

Não podiam soffrer maior decepção.

Consolava-os, porém, uma esperança, e era a de verem o *Frade* cair no mesmo laço, porque elle tambem havia de entregar a carta com que ficára, e já se vê, egual sorte lhe estava reservada.

N'esta esperança estiveram alguns dias, mas á proporção que se ia prolongando o seu encarceramento, começavam a descrer d'ella.

O *Frade* não apparecia, por mais desejado que fosse.

Teria sido mais feliz que elles?

Não era crivel.

Os tres companheiros perdiam-se em mil conjecturas a respeito da sorte que os aguardava.

Um dia, porém, ao trazerem-lhes o almoço, o carcereiro disse:

— Vocês teem bons padrinhos, não ha duvida, vá, que foram felizes.

Este novo enigma, comquanto lhes fosse bastante agradavel, não deixou de os surprehender ainda mais.

Quem se podia interessar por elles?

N'essa mesma tarde, antes do toque de ferros, foram mandados chamar á sala livre, onde era a casa dos assentos, e souberam a noticia de que estavam soltos e livres e podiam ir procurar a sua vida.

Ficaram estupefactos.

O *Mata-Judeus* adiantou-se para dizer alguma cousa, perguntar a pessoa a quem deviam de ir agradecer aquella liberdade que lhe davam, mas ao mesmo tempo deteve-se, como assombrado por um raio.

Na sua frente appareceu um homem todo vestido de preto e embuçado n'uma ampla capa, cuja physionomia e cuja voz eram a physionomia e a voz do *Trovão*, mas cujo trajo e maneiras em nada podiam confundir-se com o trajo e as maneiras do seu antigo companheiro.

— Conheces-me, lhe disse elle a meia voz, de uma maneira mysteriosa.

E avançando ao encontro do *Mata-Judeus*, á proporção que elle recuava espavorido, proseguiu:

— Fui eu que os salvei a todos, que lhes quiz dar ainda esta prova da minha dedicação.

Os tres companheiros iam estender-lhe os braços e estreital-o n'um amplexo affectuoso, demonstrando-lhe d'esse modo a gratidão de que estavam possuidos, mas a um signal do *Trovão* detiveram-se todos, comprehendendo que nem o logar, nem as boas conveniencias permittiam que d'aquelle modo fraternisassem em publico tres ciganos de má nota com um homem de bem ás direitas, que usava capa e espada e trazia a sua cabelleira empoada fidalgamente.

— Dentro em uma hora, disse-lhes elle a meia voz, junto do Poço de Entre as Hortas, estarei para lhes falar. Não faltem.

Leite Bastos

(Continúa)

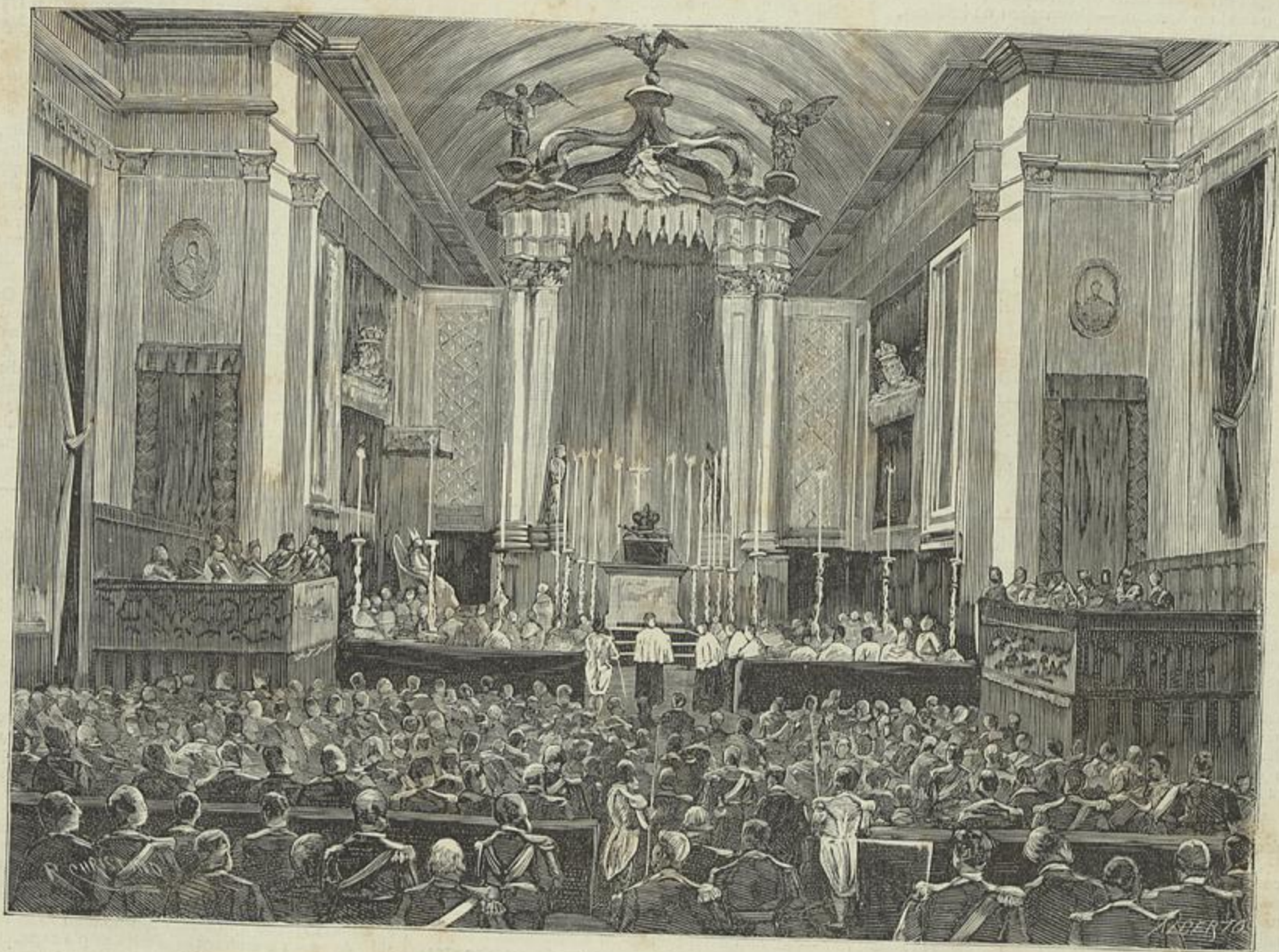
PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

A Imprensa, *Revista scientifica litteraria e artistica,* director litterario Affonso Vargas. Com este titulo principiou a publicar-se em Lisboa um periodico quinzenal, que sem pertenções de prehencher lacunas, nem programmas pomposos, se apresenta com uma distincção desusada tanto na parte litteraria feita com esmero e consciencia, como na parte typographica executada irreprehensivelmente na Imprensa Nacional. Consoante ao titulo, parte dos seus artigos são dedicados á typographia, historia da imprensa, auctores notaveis, etc. É um publicação séria e muito para ser lida.

Almanach Preço Corrente, publicado pelo sr. Jeronymo Martins & Filho e offerecido aos consumidores do seu antigo estabelecimento. A capa é illustrada com um caprichoso desenho de R. B. Pinheiro e primorosamente executada em cromo na lythographia Guedes.

Diccionario Universal Portuguez Illustrado, director Fernandes Costa, editor Henrique Zeferino de Albuquerque, Lisboa. Ha muito que não recebiamos esta obra, da qual nos foram agora enviados os ultimos oito fasciculos publicados até ao 85.º Já por diversas vezes nos temos referido n'esta secção, com o louvor que merece, a esta publicação extraordinaria que está sendo publicada em Portugal, e a palavra *extraordinaria* que empregámos exprime perfeitamente o valor da obra em relação ao nosso paiz. O *Diccionario universal portuguez* é uma verdadeira encyclopedia que vae alem de outros diccionarios de egual indole publicados no extrangeiro, e é n'isto que está o extraordinario. É precisa uma grande força de vontade para, n'um meio tão acanhado como é o nosso mercado litterario, emprehender e proseguir um trabalho collossal como este é. Isto faz augmentar os merecimentos á publicação, que deveras é credora da acceitação publica, tanto pelo seu valor litterario, que a torna necessaria em todas as bibliothecas — e ainda mais aos que não teem bibliotheca, porque ella só por si é uma bibliotheca —, mas tambem pelo grande sacrificio de capital que é mister empatar para produzir obra tão custosa. Sabemos que é grande o numero de assignaturas que o *Diccionario universal portuguez* conta em Portugal e no Brazil e todos os dias augmenta esse numero porque a assignatura d'este diccionario é permanente, e quanto mais fôr publicando mais augmentará a procura, porque mais irá revelando o grande interesse da publicação.

FUNERAES DE EL-REI D. FERNANDO

EXEQUIAS NA EGREJA DE S. VICENTE, DEPOIS DA CHEGADA DO FERETRO (Desenho feito na occasião por J. Christino)

Catalogo Illustrado, publicado por Alberto de Oliveira, Lisboa, 1885. Este catologo é a relação dos quadros expostos na 5.ª exposição de quadros modernos, effectuada pelo grupo de artistas denominado *Grupo do Leão,* nas salas da redacção do *Commercio de Portugal.* São 168 o numero das obras expostas, e 25 os desenhos que illustram este catalogo, representando esbocetos dos principaes quadros e esculpturas de que se compõe a exposição. A extrema dedicação do sr. Alberto de Oliveira, um distincto amador de bellas-artes, por esta exposição que ha cinco annos constitue uma das mais brilhantes da arte portugueza, se deve a publicação do *Catalogo Illustrado,* livrinho elegante que é vendido na exposição aos visitantes.

Chapellaria Universal, de Victor Coutinho & C.ª, Porto, 1885. Com este titulo publicam os proprietarios d'este estabelecimento, figurinos de chapeus, que attestam o progresso d'esta industria em Portugal.

O Telephone, pelo conde Th. du Moucel, versão de Ricardo de Almeida Jorge, obra illustrada com 141 gravuras, Magalhães & Moniz, editores, Porto. É o decimo segundo volume da *Bibliotheca das maravilhas.* O telephone invensão, moderna, está tendo tantas applicações que desperta o maior interesse conhecer todas as suas particularidades e avaliar a sua importancia. Algumas d'essas particularidades são extremamente curiosas e acham-se minuciosamente descriptas n'este livro perfeitamente vertido em portuguez pelo sr. Ricardo de Almeida Jorge, cuja competencia scientifica e já vantajosamente apreciada.

Almanach illustrado das Horas Romanticas, para 1886. David Corazzi, editor, Lisboa. Decimo terceiro anno de publicação, pelo que é já bem conhecido do publico e dispensa qualquer recommendação que fizessemos do interessante livrinho.

TYP. ELZEVIRIANA — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.